

# SABERES E PRÁTICAS QUE DECOLONIZAM A CIÊNCIA E O CONHECIMENTO: CONSTRUÇÕES NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE DOCENTES DA UFMG

XXIII Encontro da ABRAPSO Minas - Psicologia Social Crítica e interseccionalidade: violências, resistências e perspectivas, 23ª edição, de 20/04/2023 a 22/04/2023  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-029-8

CASTRO; Ricardo Dias de Castro<sup>1</sup>, MAYORGA; Claudia Mayorga<sup>2</sup>

## RESUMO

Essa pesquisa de doutorado se situa na disputa que se acirra, na universidade pública brasileira, em que campos como o antirracismo, o feminismo, saberes/fazer críticos, ações afirmativas e a decolonialidade têm protagonizado resistências ao *Sistema Moderno/Colonial de Gênero*. Sendo assim, professores/as do ensino superior público têm colocado limites ao projeto colonial, racista, sexista, classista e cosmo-fóbico forjado nas monolatrias epistêmicas da Ciência Moderna. Embebido por essa atmosfera, propomos como objetivo para essa pesquisa, compreender como os docentes do ensino superior público produzem saberes e fazeres que decolonizam o conhecimento, ciência e a sociedade no âmbito da Universidade Federal de Minas Gerais. Por meio dos relatos narrativos (auto)biográficos de dez professores/professoras da UFMG com quem conversamos, pudemos analisar as inúmeras contradições que se apresentam em uma universidade pública de histórico moderno/colonial. Através das análises, observamos que há uma heterogeneidade muito grande em relação a como o desejo pela vida de professor/professora foi sendo construída nessas trajetórias. O que aponta para a importância de se interpelar sistemas de poder que permanecem produzindo determinados acessos e/ou impedimentos para que algumas pessoas possam realizar os seus sonhos acadêmicos. Em relação às estratégias político-pedagógicas, que são adotadas para se fazer vacilar a hegemonia moderna/colonial nas universidades públicas, pudemos observar que esses docentes abraçam um modelo de educação, radicalmente, transdisciplinar. E, assim, eles o fazem por reconhecerem a limitação de seus próprios campos do conhecimento como produção de resposta para os problemas que a ciência coloca/produz para/a partir da sociedade. Como prática marginal, a extensão é central na trajetória que os sujeitos/sujeitas dessa pesquisa foram tecendo na UFMG. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e a extensão é uma realidade cotidiana entre esses docentes. Todos/as, assim, apostam na produção de um conhecimento que dialogue com a comunidade externa à institucionalidade da universidade pública. As Ações Afirmativas, por sua vez, institucionalizaram desejos de transformação de séculos de resistência antirracista e popular que foram se tornando políticas públicas no século XXI. Os docentes apontam que as cotas e ações afirmativas, nessa direção, precisam ser, mais do que uma reserva de vagas meritocrática, um giro epistêmico decolonial. Para além da política de reserva de vagas para indígenas, negros/negras, pobres e pessoas com deficiência, a semântica afirmativa constrói um clima de solidariedade com outros grupos, historicamente, subalternizados. Nesse sentido, mais do que pensar um projeto acadêmico e social para si; esses docentes são mobilizados por causas coletivas e isso os move a estar em espaços de poder e decisão. Entre a crítica e o endosso à universidade pública, esses docentes vão inventando um entre-mundos que não totaliza o saber tradicional e, tampouco, naturaliza o saber ocidental. O que é possível por meio da interpelação radical das leis, das normas, dos afetos, da estética e da forma heterocisnormativacolonial da razão moderna. É importante, então, que se reconheça que a universidade pública já está em produção de novas formas de conhecimentos, práticas pedagógicas, afetos, desejos, construções de trajetórias e reorganização de parâmetros para a designação de um conhecimento legítimo

<sup>1</sup> Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte, ricardodiascastro@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, mayorga.claudia@gmail.com

